
Jornalismo e literatura: Um estudo da crônica como gênero híbrido¹

Ariane Kesia Lopes BATISTA²

Centro Universitário Newton Paiva, Belo Horizonte, MG

Resumo

Este trabalho buscou apontar a relevância da crônica, que retrata fatos e demais situações vividas no cotidiano das pessoas, na busca pela aproximação entre escritor e leitor e mostrar o hibridismo deste gênero, que transita entre a literatura e o jornalismo. A ideia surgiu a partir da criação de um blog de literatura, que mostrou que o leitor é peça-chave do ciclo autor-literatura-leitura-leitor, participando da criação literária. Para tanto, o trabalho utilizou como base teórica, a abordagem da Estética da Recepção proposta pelo alemão Wolfgang Iser, que traz à tona o conceito do leitor implícito. Assim foi possível perceber a liberdade concedida ao jornalista no ato da escrita da crônica, utilizando uma estrutura distinta da do jornalismo diário, permitindo a reinterpretação da realidade habitual sob a estética da narrativa literária.

Palavras-chave

Crônica; Jornalismo Literário; Wolfgang Iser; Estudos de Mediação.

Introdução

Registros da história do Brasil apontam que a primeira crônica foi escrita em 1500 por Pedro Vaz de Caminha, escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral (PEREIRA, 1999). Na carta, que se dirigia ao rei D. Manuel I (1469-1521), Caminha, com um tom humorístico, descrevia o primeiro contato com os nativos e o estranhamento causado por todos estarem nus³.

A este gênero estão reservados outros espaços importantes na história do Brasil, como demonstram os estudos de Lajolo (1999) referentes primórdios da formação da leitura no país. As transformações sofridas pela crônica até a contemporaneidade se confundem com a trajetória do jornalismo moderno. Presente em quase todas as edições de jornais e revistas, desde o início, se destaca entre os outros textos do jornal diário por

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Jornalismo pelo Centro Universitário Newton Paiva.

³ “E tanto que ele começou a ir-se para lá, acudiram pela praia homens aos dois e aos três, de maneira que, quando o batel chegou à boca do rio, já lá estavam dezoito ou vinte. Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel.” (CAMINHA, 1500)

não buscar a exatidão da informação. Nela, a opinião do autor é a mais forte, com um tom irônico, íntimo, humorístico, protestos e argumentação.

Apesar de presente no descobrimento do Brasil, esse gênero — utilizado para descrever fatos do dia-a-dia — chegou oficialmente ao Brasil apenas na metade do século XIX. Aqui, o gênero adotou a subjetividade e se transformou a ponto de ser considerado, por alguns teóricos, tipicamente brasileiro. Utilizando, normalmente, a escrita na primeira pessoa, se parece com uma conversa direta com o leitor, criando sensação de proximidade e mostrando uma visão pessoal de acontecimentos.

Maucione (2011) afirma que por lidar com fatos do cotidiano e estar em jornais e revistas, este texto tem vida curta, tornando-se rapidamente ultrapassado. No entanto, percebe-se que diversas crônicas ultrapassaram a limitação temporal e se tornaram etéreas – como a “A Última Crônica”, de Fernando Sabino, de 1965 – que trata das reflexões acerca da desigualdade, da habilidade de ser feliz com pouco poder aquisitivo e da perplexidade desencadeada por uma observação atenta a uma cena cotidiana, mas, ainda assim, estranha ao narrador. Esse texto pode ser confundido com uma crônica atual.

Essa “atemporalidade” pode ser atribuída ao fato da crônica ser também um gênero literário. Apesar de Eagleton (2003) afirmar que a literatura não pode ser definida “objetivamente”, o autor nos aponta características de uma obra literária que são encontradas nas crônicas; como o caráter “não-pragmático”, o emprego da linguagem de forma “peculiar” a fim de alienar o comum.

Para entender mais sobre a importância da crônica para o leitor de textos literários e jornalísticos ancoramos o estudo nas abordagens da Teoria do Efeito Estético – proposta pelo teórico alemão Wolfgang Iser (1926 - 2007), que "analisa os efeitos da obra literária provocados no leitor, por meio da leitura" (COSTA, 2010) – e a Teoria da Recepção de Hans Robert Jauss (1921 -1997). Estas teorias complementares descrevem como a leitura textos literários potencializa a união do repertório do leitor real e o repertório do texto (leitor implícito). Durante a leitura, o leitor utiliza estratégias de seleção por meio das quais confronta suas expectativas com as do texto. As estratégias são responsáveis pela organização do repertório, por meio das perspectivas do narrador, das personagens e do enredo. Essa interação entre leitor e texto, além da identificação entre eles, também faz parte da construção do texto literário e do leitor crítico. Assim, a

questão sobre a qual se pretende lançar luz é: entender “como as narrativas literárias podem contemplar o leitor na recepção de acontecimentos do cotidiano, contribuindo para o enriquecimento das narrativas jornalísticas?”

Para que ocorra tal reflexão acerca da importância desse gênero literário para a construção do leitor e enriquecimento das narrativas jornalísticas, escolheu-se, como método de pesquisa, a revisão bibliográfica. Com as bases teóricas do referencial pretendemos analisar brevemente a potencialidade da crônica como discursos ricos em significado, sob os preceitos da literatura e do jornalismo. A partir deste objetivo, foi necessário: contextualizar o leitor nos estudos da gênese literária, definir os conceitos de jornalismo literário e jornalismo tradicional, pontuando nuances, similaridades e diferenças; conceituar a crônica como narrativa que possui independência estética, voltada à expressão das emoções do autor; analisar a utilização da crônica no espaço jornalístico brasileiro, como campo de diálogo entre os ambientes literário e jornalístico.

Teoria do Efeito Estético e Teoria da Recepção: estudos da relação “Autor-Literatura-Leitura-Leitor”

No século XX emergem os primeiros métodos de estudo fenomenológicos com o objetivo de analisar a relação entre livro, literatura e leitor, incorporando novas concepções de texto e recepção (FERNANDEZ, 2015).

O teórico alemão Wolfgang Iser (1926 - 2007) buscou, em sua teoria, respostas às indagações sobre o ato individual da leitura. A concepção teórica elaborada por Iser (1996), a Teoria do Efeito Estético, tem sua origem nos estudos de Roman Ingarden (1893-1970) e, como o próprio nome diz, "analisa os efeitos da obra literária provocados no leitor, por meio da leitura" (COSTA, 2010).

Segundo Iser, o leitor possui maior participação no texto, fazendo parte da concretização da obra, de modo a torná-la coerente para si. Durante o processo de leitura há uma construção imagética — sem a existência de uma semântica *a priori* —, na qual o leitor faz uso dos horizontes de expectativa para formular uma estrutura de tema — que é a escolha da abordagem de um horizonte para conduzir o ato de leitura. Os horizontes de expectativa que se relacionam são tanto os anteriores à leitura — que estão associados ao repertório — quanto o que foi formado a partir de uma expectativa

ainda não concretizada ou rompida. Para Costa (2010), "a leitura caminha em duas direções distintas, para frente, através da reformulação das expectativas e para trás reinterpretando o que já foi lido".

Esses processos cognitivos estão contidos na esfera pertencente aos dois últimos paradigmas de sustentação da teoria: o polo estético e a relação multidirecional entre polo artístico e polo estético. Os conceitos foram resumidos por Borba (2007, p.58):

De fato, a proposta de seu *The act of reading*, diferentemente de outras em que o texto é objeto exclusivo de investigação, volta-se para o exame das percepções do leitor em contato com a obra, o que resultou na construção de um aparato conceitual, do qual participam três paradigmas basilares: o 'pólo artístico', ou estrutura verbal do discurso da literatura; o 'pólo estético', correlato ao leitor na construção da significação; as ocorrências do trânsito entre os dois. Sua concepção de literatura reside na dependência da caracterização dessas três instâncias de ação simultânea e integrada.

Nesta linha de construção, Iser caracteriza o texto literário pela incompletude ou pela presença de hiatos, termo utilizado por Ingarden (1979) para designar as lacunas onde a perspectiva seguinte – horizonte de perspectiva — não se conecta à, anteriormente, estabelecida como diretriz – estrutura de tema — havendo uma interrupção; momento em que ocorre a comunicação entre leitor e texto (BORBA, 2007, p.65):

Na 'Teoria do efeito estético', também os 'vazios' decorrentes dessa 'indeterminação' fazem parte do trânsito entre o leitor e a obra. Justamente por transitarem num intervalo de indefinições, os 'vazios' constituem as condições de possibilidade para que se inicie o processo de 'comunicação' do leitor com o texto, ou entre 'pólo artístico' e 'pólo estético'.

Além da comunicação, estes espaços caracterizam os textos literários como obras construídas no ato da leitura. De acordo com Zilberman (2011), estas lacunas necessitam da intervenção do leitor para completá-las. Ao fazê-lo, o leitor torna-se coprodutor do ato de criação. A teoria de Iser também propõe a noção de desfamiliarização ou estranhamento, por meio de uma desconstrução da realidade pragmática pelo polo artístico e a formação de sentido na reconstrução horizontal — produto da relação com o polo estético. Esse processo conduz o leitor à experiência estética e, por conseguinte, o pensamento crítico, de acordo com Borba (2007, p.59):

A prosa ficcional da literatura é o espaço que promove uma 'reorganização' performática dos códigos dos sistemas sociais, de

modo que o leitor, provocado pela experiência estética, busque respostas de compreensão do contexto social em que atua.

Portanto, partindo dessa definição, Borba (2007) afirma que Iser (1978) em sua teoria, propõe a realidade literária como algo que abala a estrutura da realidade pragmática, pois, apesar de o universo da ficção fazer menção às regras dos sistemas sociais reais, não mantém o mesmo quadro vertical equilibrador de normas. Ou seja, nas palavras de Costa (2010), o texto literário, ao desconstruir o que é familiar, desperta o leitor para o que o que lhe é familiar e para as normas que estabelecem essa normalidade, fazendo com que, a partir da observação e contraste, ele passe a ter consciência crítica da sua realidade.

Neste contexto, o leitor implícito, uma das principais premissas teóricas de Iser, é como uma estrutura textual que oferece pistas sobre a condução da leitura – pistas estas que conduzem à escolha de determinada estrutura de tema. Tal leitor só existe na medida em que o texto determina sua existência e as experiências processadas, no ato da leitura, são transferências das estruturas imanentes ao texto. Costa (2010) afirma que a partir dessa concepção, o leitor passa a ser percebido como uma estrutura textual (leitor implícito) e como ato estruturado (a leitura real).

O texto literário, como anteriormente citado, também apela para o repertório, na medida em que põe em jogo um conjunto de normas. A leitura potencializa a união do repertório do leitor real e o repertório do texto (leitor implícito). Ou seja, Costa (2010) afirma que, durante a leitura, o leitor utiliza estratégias de seleção por meio das quais confronta suas expectativas com as do texto. As estratégias são responsáveis pela organização do repertório, por meio das perspectivas do narrador, das personagens e do próprio enredo.

Em completude a estas ideias, a Teoria da Recepção atribui características para este leitor. Partindo da mudança da concepção de leitura na estrutura escritor–obra–leitor, na qual o leitor não era considerado um ser ativamente participante da obra, Jauss (1979) propõe que o leitor é, na verdade, um ser dinâmico e não, passivo, como se acreditava.

De acordo com o autor, o leitor não apenas admira a obra artística em si, ele atribui uma sintonia estética com a mesma, ou seja, o leitor deixa seu estado natural e passa a ter uma experiência dentro da obra, como se ele fosse parte dela. Jauss (1979, p.

46) explica isso no livro “A história da literatura” como provocação à teoria literária, quando diz: “a experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com seu efeito estético na compreensão frutidora e na fruição compreensiva”.

Essa interatividade do leitor com a obra varia de acordo com a sua vivência. Cada leitor é influenciado por sua cultura e, dessa forma, concede a sua visão da realidade participação na obra e atribui diferentes interpretações para a mesma. Stierle (1979, p.123) afirma que a base da recepção só se constrói a partir do momento que é atribuído um significado para o texto: “[...] a base da recepção é construída por uma sequência de significantes e à ideia de que um significante só é significante quando a ele pertence um significado”. O autor completa que “este é o passo mais elementar da recepção”.

Também na Teoria da Recepção o leitor é visto como de suma importância na construção de significados para a obra. “[...] os textos não recebem sua realidade de antemão, mas a alcançam por uma espécie de reação química processada entre o texto e seu leitor” (LIMA, 1969, p.24). Logo, o receptor cria e recria a obra, mesmo essa tendo uma forma fechada, finalizada. Pode-se encontrar num mesmo texto literário, diferentes formas de interpretações que, por sua vez, são influenciadas pela cultura e vida de seus leitores.

A cultura e a temporalidade são representadas nestas duas teorias como elementos identificáveis nos textos literários e no indivíduo que lê, ajudando na recriação de um texto literário que provoque identificação, seja ele crônica ou romance. Assim, pode-se inferir que a obra literária é, direta, ou, indiretamente, influenciada pelo real.

Assim como os teóricos da recepção e do efeito estético, Bulhões (2007) destaca que a o leitor – de textos jornalísticos e literários – participa da leitura ativamente. A seguir, serão pontuadas as divergências e similaridades entre a linguagem literária e a jornalística, suas similaridades e a convergência no gênero híbrido crônica.

A crônica no contexto do jornalismo tradicional e jornalismo literário

Para produzir um texto jornalístico, segue-se uma estrutura já estabelecida. A essa estrutura, dá-se o nome de pirâmide invertida. Segundo essa teoria as reportagens se iniciam com o lead, que seria a introdução da matéria, o fio condutor da história

(FONTCUBERTA, 1996). Nele, estão contidas as principais informações apuradas, respondendo as seguintes perguntas: O quê? Quando? Onde? Quem? Como? E por quê?

Além de responder a estas perguntas, segundo Lage (1993), a estrutura do texto no jornalismo se apresenta de uma forma ampla; e, no decorrer na matéria, vai-se especificando – conceito de pirâmide invertida⁴.

Outra visão do texto jornalístico está relacionada à Teoria do espelho. Inspirada no Positivismo do filósofo francês Auguste Comte (1798-1857), relaciona que a notícia é um retrato da realidade, que os fatos apurados são o espelho do que é a verdade, independentemente da conjuntura. No cenário a partir do séc. XX, Bulhões (2007) aponta que a notícia começa a ser vista como perpassada por vários interesses, possuidora de várias versões antes de chegar ao receptor.

Inicia-se assim a identificação de uma parte da ficção da literatura inserida no contexto jornalístico. Bulhões (2007) contextualiza que no século XIX e no início do século XX, as páginas dos jornais dividiam espaços com narrativas que representavam o mundo dos fatos verídicos das notícias com as narrativas do chamado mundo imaginado. O autor salienta que era bastante natural para os leitores se depararem com a ficção envolvida com os textos jornalísticos.

Já no gênero literário tudo é possível. Não há restrições sobre uma linguagem utilizada para se produzir uma obra literária. Portanto, os textos literários não possuem uma estética definida e nem normas e regras para serem obedecidas (LIMA, 1969). Bulhões (2007) afirma que a obra literária recria a realidade. Esse gênero utiliza-se da ficção que, por sua vez, constrói seres e objetos que não se consolidam no mundo empírico, real. Mas a obra literária traz, claramente ou de modo velado, marcas do contexto em que foi produzida. Isso não quer dizer, todavia, que se deva cobrar do leitor uma atitude de decifração de conteúdos histórico-contextuais supostamente encobertos pelo manto do ficcional-fantástico (BULHÕES, 2007).

A palavra crônica, segundo Siebert (2014), deriva da palavra grega *chronos*, que significa tempo. É usada para descrever fatos do cotidiano. Ela foi trazida para o país, oficialmente, na metade do século XIX. Mas, no decorrer do tempo, o gênero foi se afastando do formato original, onde era usado para documentar acontecimentos e passou

⁴ A pirâmide invertida é uma técnica de estruturação de texto jornalístico baseada em técnicas pós-modernas. Carl Tiúf Hummenigge (1853 - 1935) a desenvolveu para os periódicos durante a Primeira Guerra Mundial, visando informar a população acerca dos acontecimentos nos campos de batalha de forma mais clara e objetiva (CANAVILHAS, 2007).

a ser mais literário e ameno. O motivo disso foi a inserção do autor brasileiro como participante ativo da imprensa, pois até então, era o europeu colonizador que redigia as notícias e textos. Assim, os textos passam a descrever os costumes dos brasileiros, fazendo assim com que surgisse a expressão crônica à brasileira.

No hibridismo do jornalismo literário, o papel do jornalista também é inerente a contar, ouvir, ler e escrever histórias. Histórias que seriam corriqueiras e comuns ao público acabam por se tornar uma grande narrativa com as minúcias e detalhes destrinchados. O jornalismo literário trabalha com meios de linguagem, contribuindo para a comunicação ao utilizar suas ferramentas textuais a fim de prender o leitor.

Para Bulhões, a crônica é tanto um texto jornalístico quanto literário. Suas composições factuais do dia a dia interagem com um espaço mais livre do texto que caracteriza o gênero da literatura. A crônica também se faz presente na rotina de um jornal, de modo que ela se afasta das notícias e consegue ter uma interação com o leitor (BULHÕES, 2007, p.50).

De certo modo, a crônica se alimenta da convivência do ambiente jornalístico. Ao mesmo tempo, ela é o espaço despojado do jornal, livre de compromisso da verdade objetiva, espreitando os fatos que se desprendem das colunas noticiosas, colhendo-os para que possam ser comentados, ridicularizados ou absorvidos no interior de digressões, lembranças e associações inesperadas. Por essa razão, a crônica às vezes é vista como um gênero 'desocupado'.

Por meio da crônica, o leitor dos jornais impressos pode tomar conhecimento dos fatos, informar-se do que acontece na atualidade e, ao mesmo tempo, receber uma leitura de mundo; um posicionamento explícito de como o autor dos textos compreende e relata tais fatos. A opinião presente no ato de informar, somada às possibilidades criativas próprias da literatura, fazem da crônica uma simbiose entre duas importantes esferas do conhecimento.

Considerações finais

Com uma breve revisão dos estudos da Teoria da Recepção e do Efeito Estético, à luz de autores como Iser, Ingarden, Jauss, possibilitou delinear a relação entre o leitor e a literatura, literatura e a realidade e a sua influência na construção do texto literário. A Teoria da Recepção, ao contrário das anteriores que centralizavam atenções apenas

no texto e no autor, possibilitou traçar um panorama amplo do percurso que desencadeia na experiência estética, tendo em vista os vários papéis do leitor como figura participativa e coautora da obra. Essa mudança na abordagem teórica iluminou a relação leitor-texto ao deslindar a experiência estética como um dos fios condutores da energia que torna o decifrador de símbolos em um leitor crítico e os símbolos em uma realidade.

A partir deste ponto, fica clara a importância da literatura para a sociedade e a relevância de se produzir textos literários variados — em gênero e estilo —, afim de contribuir para a formação do leitor crítico. Esse leitor assume assim, um dos principais papéis na construção literária, mas não apenas nela, no texto jornalístico também.

Com Bulhões, Lima, Siebert, foi possível compreender os conceitos de crônica, jornalismo tradicional e literário a fim de estabelecer a interlocução entre texto literário e texto jornalístico. Para isso, foi feita uma exposição acerca da crônica como um gênero jornalístico-literário que, ao contrário do que se pensava a princípio, não é efêmera — por se basear em acontecimentos relativamente pontuais no tempo e no espaço — mas sim, um gênero que pode transpor estas barreiras por meio da abordagem literária.

Foi possível constatar que apesar das controvérsias que cercam a atuação do jornalista na literatura, a profissão de jornalista não se distancia da literatura em momento algum. Como principal argumento para apontar o distanciamento entre literatura e jornalismo, estaria a caracterização de notícia apenas como fatos puros, padronizados, objetivos. No entanto, é possível observar que as notícias, são, muitas vezes, carregadas de elementos literários e que isto não exclui a sua objetividade e o seu caráter noticioso.

Como inspirações para os jornalistas que procuram aliar o jornalismo à literatura, estão nomes como Euclides da Cunha (1866-1909), Luís Fernando Veríssimo e Gabriel Garcia Márquez (1927-2014). Este último é o maior exemplo do jornalismo literário, como Dravet (2011) defende no artigo “um jornalismo latino-americano realista, literário e mágico”, baseado no trabalho de Márquez como cronista. Em várias ocasiões, quando entrevistado, Garcia Márquez afirmou que o jornalismo o havia ensinado a escrever literatura. Assim, pôde-se atestar com este trabalho (tendo em vista a relevância da literatura para a formação de leitores críticos, aos quais os jornais falam com maior significado e clareza sobre a realidade práxis) que, antes mesmo de se

confundirem, há uma dependência entre jornalismo e literatura – explorada primorosamente pela crônica.

Referências bibliográficas

BORBA, Maria Antonieta Jordão de Oliveira. Uma Estética do performativo: concepção de literatura pela teoria do efeito estético. **Revista de Letras** - Unesp. v. 47, n.2, 2007. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/view/477/578>>. Acesso em: 03 de abr. 2018.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo. Ática. 2007, p. 11-90.

Carta de Pero Vaz de Caminha. In: PEREIRA, Paulo Roberto (org.) **Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999, p. 39-40.

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. In: BARBOSA, S. (Org.) **Jornalismo Digital de Terceira Geração**. Coleção Estudos em Comunicação. Covilhã: LabcomBooks, 2007, p.23-36.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. V. 6, 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1986, 560 p.

DRAVET, Florence Marie. Por um jornalismo latino-americano realista, literário e mágico: uma leitura das crônicas de Gabriel García Márquez. **Logos** 38. N. 01, vol.20. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, jan-jun. 2013. p. 73-85. Disponível em: <www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/download/7710/5574 > Acesso em: 19 de abr. 2018.

FERNANDEZ, Sonia Inês Gonçalves. A importância da ficcionalidade (prática e teoria) na mediação de leitura e recepção de textos literários. **Contexto: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras**. n. 27, vol. 1. UFES: Vitória, 2015 Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/10426>> Acesso em: 23 de mar. 2018.

FONTCUBERTA, Mar de. **A notícia** - Pistas para compreender o mundo, Lisboa: Editorial notícias, 2 ed. 1996, 126 p.

INGARDEN, Roman. **A obra de arte literária**. Tradução: Albin E. Beau, Maria C. Puga e João F. Barrento. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979, 439 p.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução: Johannes Kretschmer. v. 1, São Paulo: Ed. 34,1996, 192 p.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994, 78 p.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. Ed. 4. São Paulo: Ática S.A, 1993, p. 5 - 26.

LAKATOS, Y. La metodología de los programas de investigación científica. Madrid: Alianza, 1982. 315 p.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Ed. 2. Rio de Janeiro. Agir, 1969, p. 9-52.

MAUCIONE, Mônica dos Santos et al. **A construção da ironia na crônica de Arnaldo Jabor**. 2011. Disponível em:
<<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/14223/1/Monica%20dos%20Santos%20Maucione.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2018.

SIEBERT, Silvânia. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 14, n. 3, Santa Catarina: Universidade Sul de Santa Catarina, p. 675-685, set.-dez. 2014. Disponível em:<www.scielo.br/pdf/ld/v14n3/1518-7632-ld-14-03-00675.pdf> Acesso em: 10 mar. 2017

STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais?. In: JAUSS, H. R. et al. (Org.). **A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção**. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 133-181.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989, 128 p.